

**a mulher
por detrás
da parede**

**filipa
fonseca
silva**



Para a Carolina

O Grande Drama

Esta é a história de Estefânia Nascimento, contada pela própria, por sugestão da Madame Úrsula, cartomante de profissão, cansada que está de me deitar as cartas e não ver nada, mesmo usando quatro baralhos diferentes. Pelo que me explicou, a impossibilidade de vislumbrar o meu futuro, mesmo após uma tentativa de alinhamento dos *chakras*, não se deve à proximidade da minha morte, isso me garante, mas a alguma espécie de mágoa ou ressentimento que guardo bem fundo dentro de mim, criando uma névoa espessa naquilo que vê. Segundo ela, o meu futuro só se desenrolará quando eu me conseguir libertar do passado. Até lá, as cartas só mostrarão o presente: eu, presa nesta ilha, sem absolutamente nada que fazer, coisa que até um cego conseguiria ver, mas pronto, também não posso hostilizar já a única pessoa que conheço neste lugar. Sugeri que escrevesse a minha história, que percorresse com a memória todo o caminho que me trouxe até aqui. Diz que ajuda no processo de cura, seja lá o que isso for.

Pois bem, aqui estou eu, de caneta em punho, a sentir-me bastante patética, uma vez que não acredito em nada destas coisas de espíritos, tarô e energias, e não escrevia mais de duas ou três linhas desde o último texto que fiz na escola, mais precisamente para o exame nacional de Português, caracterize o estado de alma do sujeito poético expresso nos seis primeiros versos de *A Mensagem*. Não faço ideia do que escrevi na altura, mas foi suficiente para

terminar o décimo segundo ano com uma média bastante razoável, que me permitiu entrar na faculdade, feito inédito em toda a família, não que me tenha servido de grande coisa, mas enfim. Também não faço ideia por onde começar agora, no entanto, espero que o exercício sirva para, pelo menos, deixar de sentir esta bola que se formou no meu estômago, que por vezes se alastra aos pulmões e me impede de respirar, pese embora esteja rodeada do ar mais puro que pode haver.

Há vários pontos de partida possíveis para esta odisseia a que me lanço. Posso começar pelo dia em que o Artur comprou o apartamento, ou um pouco antes, quando nos conhecemos no escritório. Ou talvez seja melhor começar pelo princípio, lá bem atrás, na minha infância, até porque dizem que os grandes traumas que carregamos têm origem nos primeiros anos de vida, e, mesmo que eu não tenha grandes memórias desse tempo, existe efectivamente um acontecimento que mudou tudo.

A minha primeira infância foi mais ou menos normal, se considerarmos normal ter crescido a ouvir dizer que era um empecilho. Vivía com os meus pais e duas irmãs mais velhas, que já tinham dez e doze anos quando eu nasci e não me ligavam nenhuma, pelo que, quando recordo esses tempos, vejo-me sempre no chão a brincar sozinha. Ainda assim, penso que era de certa forma feliz, ali, naquela casa cheia de gente, apesar das constantes discussões, ora entre os meus pais, ora entre as minhas irmãs, ora entre todos eles. Aliás, nas raras vezes em que olho para as fotografias que resistem desse período, parece que pertencem a outra pessoa, alguém que, algures no tempo, teve uma família de verdade.

Gosto particularmente de uma delas. Estou ao colo do meu pai. Ele, sentado numa cadeira de esplanada, com um cigarro a despontar por entre o farto bigode que me fazia cócegas quando me beijava o rosto, olhava para a câmara com um sorriso meio jocoso. Eu, com quatro ou cinco anos, cabelo à tigela e camisa com rebordo folhado na gola, que me dava um ar de *pierrot*, olhava

para ele com um sorriso de admiração. Não me lembro de nada desse dia, nem onde estávamos, nem com quem. Porém, é a única fotografia que tenho com o meu pai, só nós os dois, numa cumplidade que nem as trombas da minha mãe poderiam desfazer. Nas raras fotografias que tenho com ela, está sempre de braços cruzados e com um ar de quem está a prestes a dizer ao fotógrafo despacha-te com essa merda, que tenho mais que fazer. Hoje sei que o *Grande Drama* teve mais que ver com ela do que comigo, embora toda a vida ela tenha insistido no contrário.

Era Primavera. As árvores cobriam-se de verde, as flores brotavam de cada pedaço de terra, e os pássaros chilreavam numa alegria excessiva. Eu tinha acabado de sair das aulas e estava ansiosa por chegar a casa, onde, àquela hora, tinha a televisão só para mim, coisa rara. Estava a dar o meu máximo para ganhar a corrida que vinha a disputar com o Pirata e o Quindim, os meus amigos imaginários, já de si injusta, porque o Pirata viajava no seu galeão dourado, e o Quindim conseguia voar. Corria alegremente, dando ordem de galope ao meu cavalo, cumprimentando todos os rostos familiares com quem me cruzava naquele percurso habitual, despreocupada como qualquer criança de oito anos, mesmo se acaso vive nas trincheiras de uma eterna batalha conjugal. Ao dobrar a esquina, notei que as vizinhas se acotovelavam à porta do meu prédio, tentando proteger-se dos mais variados objectos que estavam a ser arremessados pela janela do segundo andar: roupas, discos, sapatos, bibelôs... Aproximei-me devagar, como se estivesse a assistir a uma cena de um filme que não podia interromper. Tudo se movia em câmara lenta.

As vizinhas pareciam estar a falar de mim, ou pelo menos o meu nome desenhava-se nas suas bocas, enquanto abanavam a cabeça e se benziavam, entre exclamados valha-me Deus. Fiquei suspensa, imóvel, os olhos fixos naquela janela que era a minha, até que a Alda me tirou do meu torpor sugerindo, com um enorme sorriso, que fôssemos comer um gelado de morango. Assenti, tentando

ignorar o enorme aperto no coração e deixando que ela me encaminhasse até ao prédio do lado. Fui eu que o fiz, sabes?, disse-me ela. Tenho uma máquina de fazer gelados e funciona que é uma maravilha. Às vezes ficam um bocadinho líquidos, mas este saiu na perfeição. Eu sorria, porque não queria que ela achasse que eu era mal-educada, mas não conseguia parar de tentar adivinhar o que teria acontecido. Porque é que a Alda me levava para sua casa? Porque é que tantos objetos continuavam a cair da janela da minha sala? Será que a minha mãe se ia zangar comigo, por não ter ido directa da escola para casa? Lembro-me bem dessas perguntas todas a enrolarem-se no meu cérebro como enguias, mas não verbalizei nenhuma delas. Enquanto nos afastávamos da confusão, as vizinhas continuavam a cochichar e olhavam-me com pena. Aquele tipo de olhar envergonhava-me, como se estivessem a julgar-me, logo a mim, que não tinha feito nada. Logo a mim, que apenas tinha chegado da escola, como todos os dias. Olhei para baixo e apertei com força a mão da Alda. Os incontáveis objectos a estilhaçarem-se no chão atrás de nós.

A casa da Alda era, no mínimo, excêntrica, excepto aos olhos de uma menina de oito anos que falava com seres imaginários e que, naquela altura, nunca ouvira tal palavra. Mal abríamos a porta, deparávamos com um grande *hall*, onde havia duas cadeiras de espaldar alto e assento em veludo verde encimadas por um espelho com moldura em talha dourada, como o da bruxa da Branca de Neve. Uma cortina preta com estrelas, luas e arabescos bordados a fio prateado pendia do arco que separava o *hall* da sala, onde, além de um grande sofá vermelho, havia uma mesa baixa com muitas revistas de capas lustrosas. As paredes estavam pintadas de cor de laranja, e, do tecto, pendia um lustre de cristal em cujos braços se formavam pequenas teias de aranha. Devia ser mesmo muito antigo. Ocupando a totalidade da parede do fundo, estava uma enorme estante em pau-preto esculpido, onde, aos livros de capa dura e lombadas grossas, se juntavam os mais singulares

objectos, tais como uma colecção de gnomos de loiça, santos de variados tamanhos, punhais com cabo de prata trabalhado, e até uma fonte falsa de onde soava um rio a correr e emanavam luzes às cores, que se espalhavam por todo o espaço. Na parede oposta, um relógio antigo e vários ramos de flores secas pendurados de pernas para baixo. Não sei porque estou a descrever a casa da Alda com tamanho pormenor, que, ainda por cima, não acrescenta nada à história, mas, quarenta anos depois, lembro-me dela como se lá tivesse estado ontem, tal foi o efeito e o fascínio que me provocou.

Da sala passámos para a cozinha, menos atulhada, mas ainda assim cheia de tralha (loiça, panelas, utensílios, frascos de especiarias e latas de chá garridas) e que cheirava a comida de gato, o que não era de admirar, já que a Alda tinha três, que me olhavam muito sérios desde que eu tinha posto um pé na casa. Um preto, um laranja riscado e outro branco malhado. Lembro-me de estar cheia de vontade de os agarrar e de os apertar como peluches, embora me tivesse contido, temerosa dos seus olhares penetrantes. O meu sonho sempre fora ter um gato, mas o mais perto de um animal de estimação que os meus pais me deixaram ter foi um peixe vermelho e estúpido, que viveu durante seis meses num aquário do tamanho de uma tigela de sopa e morreu de congestão, porque eu o alimentava quatro vezes por dia. Estúpida da miúda que nem de um peixe sabe tratar, disse a minha mãe despejando o *Moby Dick* pela sanita abaixo enquanto eu fazia força para segurar as lágrimas, abrindo muito os olhos e cravando as unhas nas palmas das mãos.

Senta-te, pequenina, pediu a Alda, com gentileza. Vou já preparar o teu gelado. Obedeci, aninhando-me num banco de cozinha perto da janela, fascinada com o cenário que me rodeava e com os gatos, que me cheiravam com curiosidade e se roçavam nas minhas pernas, malgrado se afastassem assim que eu fazia tenção de os afagar. A Alda estendeu-me uma taça com duas bolas cor-de-rosa, que comi devagarinho, saboreando cada colherada, enquanto ela me observava com um sorriso. Não sei se esperava

que eu dissesse alguma coisa, além de obrigada, mas mantive-me calada, com os olhos cravados no gelado. Depois de devorar a guloseima até à última colherada, perguntei se já podia ir para casa. A Alda suspirou, olhou pela janela à procura das palavras certas e sentou-me no seu colo. Vou contar-te uma história, começou. A história era muito bonita, cheia de eufemismos e metáforas típicas dos contos de fadas, mas basicamente o que a Alda me queria dizer era que o meu pai tinha saído de casa, de armas e bagagens, que provavelmente não voltaria a vê-lo tão cedo, e que a minha mãe claramente não estava a saber lidar com o sucedido. Tinha estado toda a tarde a atirar coisas pela janela e a gritar numa língua que ninguém percebia. Perante isto, as vizinhas juntaram-se e decidiram que o melhor era eu e a minha irmã do meio ficarmos em casa de alguém até a coisa acalmar. (A mais velha tinha vinte anos e já nem sequer vivia connosco.) A Alda foi a única vizinha a oferecer-se para nos acolher.

Quando, ao fim da tarde, a minha irmã chegou da escola, não conseguiu esconder a raiva perante a situação, se bem que, naquela altura, ela tivesse raiva de tudo. Acedeu a jantar comigo na casa da Alda, onde não abriu a boca uma única vez, excepto no fim, quando disse que tinha quase dezoito anos e não precisava de uma ama-seca. Depois, saiu intempestivamente em direcção à nossa casa, ignorando o caos provocado pela nossa mãe, trancando-se no quarto até à manhã seguinte. A Alda encolheu os ombros, e eu disse-lhe que não se preocupasse, que a Tânia estava habituada a fazer só o que lhe apetecia e tinha muitos segredos. Tinha namorados, fumava às escondidas e, uma vez, cheguei a encontrar miniaturas de álcool na sua mochila da escola, mas nunca disse nada a ninguém. Provei uma de uísque e pensei que ia morrer, à medida que o ardor se espalhava da boca para a garganta e depois para o estômago. A Tânia vestia-se como uma prostituta, segundo as vizinhas, claro, que eu, à data, não sabia o que era uma, e andava sempre com a malta da pesada do liceu, isto é, os que

fumavam e faltavam às aulas. Não gostava de pessoas em geral e de mim em particular, coisa que se mantém até aos dias de hoje. Talvez porque eu lhe tenha roubado o lugar de bebé da família, não faço ideia, nunca lhe perguntei. Aceitei o seu desprezo como tantas outras coisas.

Quanto à nossa irmã mais velha, como já vivia com o namorado na casa dos pais dele, quando a Alda lhe telefonou a contar o sucedido, apenas disse que eu não era sua responsabilidade nem tinha condições para tomar conta de mim. Lembro-me de ter ficado aliviada, porque não gostava nada do namorado dela desde o dia em que entrei no quarto que as minhas irmãs na altura partilhavam e o encontrei deitado na cama. Começou a olhar para mim com um sorriso sinistro e, depois, disse que tinha uma coisa para me mostrar. Quando olhei, tinha posto a pila de fora. A sorte foi que a minha irmã entrou naquele instante e disse 'tás parvo ou quê?', e depois expulsou-me com brusquidão, como se eu tivesse feito algo de errado. Não fiquei chocada pelo gesto em si, embora tenha vindo de um tipo que, na altura, já teria uns vinte anos e que, hoje sei, poderia ter sido acusado de importunação sexual a menor. O que me chocou foi ver uma pila tão grande e peluda. Como o meu pai nunca se despiu à nossa frente, até então, só tinha visto as pilinhas dos miúdos do bairro, quando faziam chichi na rua, e também as dos Nenucos. Achava estranho que os homens conseguissem andar com um bocado de carne assim pendurado entre as pernas, mas, por outro lado, era o que justificava que andassem sempre a mexer naquilo, incluindo o professor de Ginástica, que nem sequer disfarçava.

Bom, mas adiante. Fiquei a dormir na casa da Alda e, no dia seguinte, foi ela quem me foi levar à escola. Eu já fazia o percurso sozinha desde o início daquele ano lectivo, e estava a adorar a minha independência, mas, naquele momento, ao vê-la ao portão, fiquei aliviada e inchada de vaidade. Quando a minha mãe me ia buscar, estava sempre vestida às três pancadas e com uma mola de

plástico no cabelo (acho que é por isso que ainda hoje detesto molas de plástico). Encostava-se ao muro a fumar e cumprimentava-me friamente, sem nunca descruzar os braços, enquanto as outras mães se mostravam efusivas por abraçar os seus rebentos. A cena era tão deprimente, que acabei por pedir que me deixasse ir sozinha para casa. Finalmente! Agora vê lá se não te metes debaixo de um carro ou coisa assim, foi a resposta. A Alda, pelo contrário, no auge dos seus cinquenta anos, tinha sempre o cabelo arranjado, usava vestidos com padrões exóticos, sapatos de salto alto, pintava os lábios e tinha um andar bamboleante. Os meus colegas ficaram todos de boca aberta. Não estavam habituados a ver alguém tão espampanante como uma diva da novela da noite, e logo para ir buscar a miúda mais sem-sal da escola, isto é, eu. Durante uns tempos, gozei de alguns olhares de admiração.

Ao contrário do que eu esperava, nesse dia, a Alda levou-me de novo para casa dela e, no quarto onde eu dormira na véspera, encontrei as minhas coisas: roupas, sapatos, o peluche com que eu dormia. São só mais uns dias, minha querida, até a mamã ficar melhor, está bem? Assenti numa mistura de surpresa e alegria. É claro que estava um bocado preocupada com a minha mãe, mas também estava a adorar cada minuto passado com a Alda, especialmente porque ela era a única pessoa no mundo que não me tratava como um ser indesejado e intelectualmente atrasado. E porque, na casa dela, tinha um quarto a sério só para mim, com uma janela com cortinas floridas e uma cama de ferro com uma colcha a condizer, em vez do colchão demasiado pequeno pousado no chão de um minúsculo quarto interior, onde eu dormia com a porta aberta para não ficar sem ar. A decisão de fazer daquele arrumo o meu quarto prendeu-se com não caber nem mais um alfinete no exíguo quarto das minhas irmãs. Mais tarde, quando a Vânia saiu de casa, a Tânia não quis partilhá-lo comigo, dada a nossa diferença de idades, e eu continuei a dormir ali. O meu pai ainda tentou atenuar o aspecto do lugar, pintando as paredes

de cor-de-rosa e pendurando, numa delas, duas prateleiras em forma de nuvem, esculpidas por ele em madeira, nas quais eu expunha a minha colecção de bonecas já com três vidas de uso, mas que podia chamar de minhas, fazendo-me esquecer que aquilo era uma espécie de arrecadação. Por dormir de porta aberta é que eu ouvia sempre as discussões.

Eh pá, és chata como a merda, foda-se, um gajo trabalha o dia todo e depois chega a casa e ainda tem de te aturar? E a minha mãe, no seu tom glaciado (o único que lhe conheci), eu também trabalho o dia todo, ó seu merdas, e ainda tenho de me preocupar com elas, ou achas que o que trazes chega para tudo? Se passasses menos tempo na taberna e mais em casa, talvez chegasse... E ele, eu passo mais tempo na taberna do que aqui para não ter de olhar para essa fuça, chata do caralho. E se não te calas, é para lá que volto! E eu tapava a cabeça com a almofada e dizia às minhas bonecas para não se preocuparem, que os adultos eram mesmo assim, sempre a gritar uns com os outros.

Vivi com a Alda precisamente vinte e três dias, até a minha mãe bater à porta e, sem sequer nos cumprimentar, lançar um olhar lá, quando é que estás a pensar em ir pra casa?, mandando-me depois arrumar as minhas coisas. Enquanto arrumei tudo em duas mochilas velhas, elas foram conversar para a cozinha. Ouvi a minha mãe dizer que já estava bem, que ia começar a trabalhar na segunda-feira seguinte e não precisava de mais ajuda nem intromissões. Foi a andar à minha frente, sem sequer me ajudar com as mochilas e, quando chegámos à nossa casa, que mais parecia ter sido assaltada, disse-me que havia leite e pão no frigorífico, caso eu tivesse fome, trancando-se de seguida no quarto. Na manhã seguinte, tive medo de entrar no quarto dela, e ainda mais medo de entrar no quarto da Tânia, pelo que cuidei de mim sozinha, voltei a comer leite e duas torradas e deixei um recado na mesa da cozinha. Bom dia, mamã, fui para a escola. Chego às 5. Até logo. Quando regresssei, ela estava sentada no sofá a fumar e mal olhou

para mim. Assim que anoiteceu, fritou dois ovos, cozeu umas massas e disse-me para comer quando me apetecesse. Trancou-se outra vez no quarto. Durante uns tempos, essa passou a ser a sua rotina. Durante uns tempos, senti saudades de quando passava a vida a insultar-me. Os insultos doíam menos do que a minha solidão.

Um acidente

Antes de o meu pai nos abandonar, tenho a ideia de que vivíamos bem. Ou, pelo menos, como a maioria das crianças que eu conhecia na altura. Tinha roupa, comida, poucos brinquedos (mas também, naquela altura, só se brincava na rua) e, no Verão, tinha o privilégio de passar uma semana ou duas num parque de campismo à beira-mar. Não sei ao certo o que o meu pai fazia. Nas fichas da escola, quando perguntavam, ele dizia para eu escrever que era engenheiro. Mas claro que não era, e eu já então o sabia. Para começar, nunca o vi com uma pasta, e os pais das minhas amigas que tinham empregos importantes tinham todos uma pasta. Além disso, andava sempre sujo e com as mãos calejadas. Nunca pude satisfazer a minha curiosidade, uma vez que, depois da sua retirada, fiquei proibida de fazer perguntas sobre ele, mas provavelmente trabalhava nas obras. Quanto à minha mãe, era empregada de balcão na papelaria lá do bairro. Todos os dias chegava a casa a dizer mal do Sr. Pereira, o patrão. Chamava-lhe porco depravado e dizia-nos que o mais importante na vida era estudar, para não termos de nos sujeitar a um emprego como o dela. Na altura, eu não entendia qual era o mal do emprego dela. Parecia-me tão bom e honesto como outro qualquer. Ainda assim, obedeci e sempre fui uma aluna aplicada.

Depois do *Grande Drama*, tudo mudou. O meu pai apagou da memória que tinha três filhas, às quais devia, se não uma

explicação, pelo menos algum dinheiro para roupa e comida, por exemplo. Além de não se ter despedido, nunca tentou contactar-nos. Nem uma carta, nem um telefonema. Durante uns tempos, eu corria diariamente para a caixa do correio, na expectativa de encontrar qualquer forma de mensagem, qualquer coisa que me dissesse que ele não me esquecera, algo que nunca aconteceu. Depois, passei por uma fase em que imaginava que ele aparecia durante a noite e me levava pela calada, para outra cidade, para outro país. Com o tempo, aprendi a não pensar nele e a enterrar bem fundo a sensação de abandono e, sobretudo, a profunda desilusão.

Já a minha mãe, após a cena dos objectos arremessados pela janela e a apatia em que se afogou durante semanas, passou a ser conhecida como *a maluca* e, além de abandonada pelo marido, ficou desempregada. É que o Sr. Pereira ligava muito ao que a vizinhança pensava e não quis uma maluca a trabalhar com ele. Uma maluca que não lhe deu cavaco durante vinte e três dias, findos os quais se apresentou ao serviço como se nada tivesse acontecido. Ainda assim, durante muito tempo, achei que ele era simpático, até porque acreditei que tinha tentado ajudá-la certa vez. Foi por isso que, durante anos, continuei a acenar-lhe sempre que passava à porta da papelaria. Que estúpida... Ou não, sabia lá eu naquela altura.

Certa vez foi num dia em que cheguei a casa e não havia nada para comer. Na conta bancária também nada havia e na carteira da minha mãe restavam apenas duzentos escudos. Num acto de desespero, a minha mãe pegou em mim e levou-me consigo até à papelaria, onde implorou pelo seu emprego de volta. Fiquei espantadíssima, pois nunca tinha visto a minha mãe pedir nada a ninguém. Disse ao Sr. Pereira que já estava melhor e tinha de alimentar as crianças, se bem que a única criança da casa era eu, enquanto apontava para as minhas roupas velhas e sujas, que, na verdade, eram um pijama que ela não me deixara trocar para o impressionar. O Sr. Pereira respondeu que não a podia readmitir, mas que lhe podia dar dois contos se ela lhe fizesse um favor.

Ela foi com ele para o escritório, e eu fiquei a guardar a porta para que ninguém entrasse, tal como me ordenaram. Naquele dia, achei que ela tinha feito um bom negócio, porque, fosse lá qual fosse o favor que lhe tivesse feito, só demorou uns dez minutos e ficámos com dinheiro suficiente para ir ao supermercado e encher o frigorífico. Quando precisares, já sabes, é só apareceres, disse o Sr. Pereira quando fomos embora. A minha mãe não lhe respondeu, mas, nessa mesma tarde, passou um batom velho pelos lábios, apanhou o cabelo para disfarçar a sujidade e foi bater a todas as portas a pedir trabalho como mulher-a-dias. No auge da sua frustração, era em mim que descarregava. A culpa é toda tua, sua aventesma. Eu e o teu pai estávamos bem até tu teres nascido. Durante muitos anos, achei que ela tinha razão.

É que, quando eu nasci, as minhas irmãs já eram bem crescidas e a minha mãe quase tinha recuperado a forma. (Era daquelas que engordava trinta quilos por gravidez.) O dinheiro era contado, mas ia dando para os quatro, e a fase das noites mal dormidas e das fraldas intermináveis há muito tinha passado. Antes de tu nasceres, ele até já nem me chamava gorda e tinha voltado a procurar-me na cama, dizia ela, como se isso fosse uma vitória. E foi por ele ter voltado a procurá-la na cama que o acidente se deu, isto é, eu. Assim que a minha mãe descobriu que estava grávida de mim, foi direita à casa da Inácia, uma enfermeira que, fora do expediente, fazia desmanchos num quarto dos fundos da sua casa. Porém, ao contrário da vez anterior, a Inácia disse-lhe que já era demasiado tarde para o procedimento. Teve de levar a gravidez até ao fim, maldizendo cada quilo, cada estria, cada exame que lhe mandavam fazer. Ainda por cima, tinha logo de me sair mais uma puta de uma miúda, gritava ela sempre que recordava o episódio e também sempre que eu lhe pedia amaciador para o cabelo, pensos higiénicos, sutiãs ou outras coisas que só as meninas precisam. Hoje sei que o meu pai teria partido de qualquer forma, e que o meu nascimento nada teve que ver com a sua decisão. A amargura

crónica da minha mãe ocupava todo o espaço muito antes de eu ter chegado.

Começámos, portanto, a viver uma vida bem mais modesta, para não dizer miserável, com uma alimentação à base de enlatados, excepto quando a Alda vinha entregar um tabuleiro de comida. Empadão, bacalhau com natas, jardineira de carne. Era tão boa a comida da Alda... Para não humilhar a minha mãe, dizia que era um miminho para mim. Por vezes, também levava um bolo de laranja ou uma embalagem de *Nesquick*. À noite, andávamos à luz de velas para poupar na conta da electricidade, despejávamos o autoclismo com a água acumulada do banho e nunca mais entrámos em nenhuma loja que não fosse de comida. A Vânia, que na altura do *Grande Drama* já lavava cabeças num cabeleireiro do centro, não nos podia ajudar. O pouco que ganhava, estava a poupar para sair de casa dos sogros e ir viver com o namorado numa casa própria. A Tânia, por seu lado, ainda pensou em largar a escola e começar a trabalhar, mas como não gostava de fazer nenhum, desistiu da ideia com a desculpa de que a mãe sempre tinha dito que era importante que estudasse. Apesar de estar prestes a entrar na maioridade, nem sequer tinha acabado o décimo ano, e nunca o acabou, apesar de ter andado lá três anos a fingir que estudava. Um dia, informou a nossa mãe de que se ia mudar para Lisboa com o novo namorado, que tinha uma banda. Devido à sua esperteza natural, acabou por se envolver no mundo da música, e hoje está bem na vida a trabalhar numa produtora.

Ficámos só as duas.

Despojos de uma guerra, que, como qualquer guerra, nunca tem vencedores.

Pressa de crescer

Começo a achar que estas páginas são um erro. Não sei o que me deu para concordar com a sugestão de escrever sobre o passado. Desenterrar memórias deprimentes, há tantos anos por revisitar. Já vou quase a meio deste caderno e não sinto qualquer melhora. Pelo contrário: sinto-me cada vez pior, além de que me está a nascer um calo no dedo.

Nunca falei sobre esta fase da minha vida com ninguém, porque não interessa nem ao Menino Jesus e falar dela não vai mudar nada. Bom, falei ao de leve com o Artur, quando ele me começou a fazer perguntas sobre a minha família, mas acho que é a primeira vez que estou a processar todos aqueles anos a viver (ou sobreviver) com uma mãe que me odiava. E não, não é um eufemismo. E não, nem todas as mães amam os filhos. Se calhar devia mesmo ter começado pelo dia em que conheci o Artur e poupar-me a relembrar esta fase infeliz. Mas agora já comecei, por isso, mais vale terminar.

Depois de o meu pai nos abandonar e de as minhas irmãs terem ido às suas vidas, raramente nos visitando, a minha mãe, como ela própria dizia, andava a limpar a merda dos outros, e eu tentava ser invisível para evitar atizar a sua fúria. Passava o máximo de tempo possível na escola ou em casa da Alda, mas regressava sempre antes que a minha mãe chegasse, para não provocar uma cena de ciúmes. Se queria uma filha, que a parisse, olha agora, em vez de ter andado para aí com uns e com outros. Esta é minha e não está à venda. Sempre a mimá-la e a oferecer-lhe coisas. Ó Estefânia, a tua mãe sou

eu, ouviste bem? É a mim que tens de obedecer. Eu anuía e fechava a janela, com medo de que a Alda ouvisse aqueles disparates e deixasse de me receber na sua casa. Hoje sei que jamais o faria. Até se mudar para Tenerife com o namorado espanhol, que entretanto conheceu, foi mais do que uma mãe para mim. Foi a minha melhor amiga. Correspondemo-nos durante quase trinta anos. Ainda tenho as cartas todas que me enviou numa caixa. Volta e meia, gosto de as reler e relembrar todos os conselhos e amor que deixava nas entrelinhas.

Sempre fui uma miúda introvertida, mas viver só com a minha mãe transformou-me num verdadeiro bicho-do-mato. Não me dava com ninguém e nunca soube fazer amigos. Havia sempre duas ou três colegas com quem andava pelos corredores e com quem brincava nos intervalos, mas que desapareciam do radar assim que saíamos da escola. A minha auto-estima, sei-o hoje, foi aniquilada por anos a ouvir a minha mãe dizer que não devia ter nascido. Mesmo quando eu fazia algo de bom, como ter notas acima da média ou limpar a casa de uma ponta à outra, a única coisa que ela dizia era não fazes mais do que a tua obrigação. Também gostava de me atirar com um vê lá se cresces e me desamparas a loja, que subitamente podia ser substituído por um aposto que, assim que puderes, saís de casa e deixas-me aqui sozinha, sua ingrata. Apetecia-me dizer que tinha razão. Que mal podia esperar para entrar na universidade, tirar um curso que me permitisse ganhar o suficiente para ter o meu canto e viver a minha vida sozinha, sem me sentir constantemente culpada, sem andar sempre com medo de fazer algo que espoletasse a gritaria. Mas não respondia, claro. Sempre acreditei que as coisas que me aconteciam eram inevitáveis e culpa minha, e como tal, tinha de aceitar as consequências. Até mesmo quando se deu a violação.

Bom, há que dizer que, na altura, não achei que tivesse sido violada, até porque só muito recentemente se começou a falar dessa coisa do consentimento dentro das relações. Mas hoje, ao reviver aquele dia, sei que fui. Por alguma estranha razão, acreditava que estar com alguém de livre vontade implicava dar-lhe permissão

e poder sobre o meu corpo. Ou talvez a razão não seja assim tão estranha. A verdade é que fui educada a acreditar que os homens podiam fazer e dizer o que quisessem, sem grandes consequências, incluindo desaparecer e esquecer as suas obrigações. Se alguém chamasse gorda à minha mãe na rua, ela certamente reagiria, e não da forma mais educada. Mas, quando o meu pai lhe chamava gorda, ela aceitava sem replicar. Se um homem me mostrasse a pila no meio da rua, a minha irmã certamente o insultaria e faria queixa. Mas, quando o namorado o fez, ela não se zangou com ele, pelo contrário, pouco depois disso, foi viver para sua casa. Os homens faziam merda, as mulheres encolhiam os ombros. Era assim e pronto.

Eu tinha dezasseis anos, e o Fred, dezoito. Saíamos há alguns meses, e eu estava incrivelmente feliz por ter um namorado. Mais do que feliz, estava mesmo incrédula. Havia alguém que reparara em mim, apesar das minhas tentativas para ser invisível. Alguém que queria estar comigo. Pela primeira vez na vida, eu era desejada, e não me importava nada que o desejo fosse apenas carnal. Aceitava cada avanço que ele fazia: primeiro, os beijos, depois, os apalpões; primeiro, por cima da roupa, depois, por baixo. E aceitava com prazer, há que dizê-lo. Também eu o desejava.

Naquele dia tínhamos ido ao cinema. Assim que as luzes se apagaram, começámos a namorar. Primeiro, o braço por cima dos meus ombros, depois, a língua no meu pescoço, depois, as mãos nas minhas mamas, coxas, enfim, nada que outros casais de adolescentes não fizessem. Ao fim de algum tempo, ele sugeriu que fôssemos para o carro, para termos mais privacidade. Eu fui, claro. Porque não haveria de ir? Até então, ele sempre me tinha tratado com respeito. Fomos de mãos dadas a correr até ao carro, que ele guiou até uma zona de mato, ao pé da escola. Trancámos as portas e continuámos a namorar, cada vez mais entusiasmados. Ele começou a despir-me e a despir-se. Eu deixei-me levar um bocadinho, porque estava a ser realmente bom e excitante. E ele pararia assim que eu lhe pedisse, como sempre fez. Qual era o mal de um par de namorados estar

a beijar-se e acariciar-se de tronco nu? Só que, passado um bocado, ele começou a tentar despir-me as calças. Pedi que parasse. Estava a gostar do que estávamos a fazer, mas não estava preparada para ir mais além. Qual é o mal?, perguntou ele. Já chegámos até aqui, podemos continuar. Eu disse que não queria, que preferia ficar só assim, ainda não estava mentalizada. E ele a insistir e a insistir e a pôr a mão por dentro das minhas calças. E eu a pedir, vá lá, Fred, não faças isso. Continuou a beijar-me sofregamente e a tocar-me cada vez mais fundo. Aí, tentei agarrar-lhe os braços e levantar-me, mas ele empurrou-me com força contra o banco, enquanto dizia para eu deixar de ser púdica, que já estava praticamente nua e muito molhada, que algum dia teria de ser a primeira vez, que dois meses de amassos era mais do que suficiente, que ele já não aguentava mais, que estava a torturá-lo, que com a idade dele era difícil conter-se, que já não estava habituado a estar só na cena dos beijos e apalpões. Comecei a ficar assustada. Mas, ainda assim, mantive uma certeza estúpida de que ele iria acabar por parar, de que nunca me iria fazer mal.

Tentei encolher as pernas e afastá-lo, repetindo não, não quero, não hoje, não assim. E ele a perguntar qual era o meu problema, que tínhamos uma relação, que estávamos bem juntos, que este era o passo natural, que eu estava a provocá-lo, que tinha de me foder. Disse mesmo foder. Não disse fazer amor ou outra coisa do género, que era o que eu achava que um dia iríamos fazer quando lhe entregasse a minha virgindade. Comecei a sentir medo. Percebi que ele não ia mesmo parar. As mãos dele apertavam-me com mais força do que o costume, a língua mais dura a invadir-me a boca. Quando me largou os braços para tirar as calças, consegui destrancar e abrir a porta do carro. Com a surpresa de ver a porta a abrir-se, largou-me e consegui sair. Estava completamente a tremer, sem força nas pernas. Debrucei-me sobre o capô para me acalmar. Achei que ele iria cair em si e perceber que estava a magoar-me. Que estava a ser uma besta! Olhei em volta para ver se estava alguém a passar. Percebi que estava quase nua e que seria uma

vergonha se alguém me visse assim. Foi nesse momento que ele apareceu, sei lá de onde, e me encostou a cara contra o capô com brusquidão. Queres ao ar livre, é? É assim que gostas? Por mim, tudo bem. E eu comecei a chorar e a pedir que parasse. E ele disse para eu relaxar, que não ia doer nada, que eu ia adorar, que nunca mais ia querer outra coisa, e enfiou-me a pila com força, e a dor foi tão grande, que fiquei sem forças para me debater. Quando acabou, deixou-se cair ofegante sobre mim e começou a sussurrar-me ao ouvido, pronto, estás bem? Não doeu assim tanto, pois não? Foi bom, não foi? E beijou-me o pescoço e as costas. Vá, não fiques assim, não é o fim do mundo, disse, enquanto me passava as mãos pelo corpo. Anda, veste-te, senão ainda te constipas. Saiu de cima de mim, deu-me uns lenços para eu me limpar e ajudou-me a vestir. Eu não conseguia dizer uma palavra. No caminho para casa, pôs a mão por cima da minha e disse que para ele tinha sido maravilhoso e que, na próxima, também iria ser maravilhoso para mim. Iria doer menos e poderíamos fazê-lo num sítio mais confortável. Depois, abriu-me a porta e tentou dar-me um beijo de despedida, como se aquela tivesse sido uma noite normal. Eu virei a cara, e o beijo aterrou na minha testa. Amanhã isso passa-te, disse ele.

Amanhã — isso — passa-te.

Foi mesmo assim que ele disse...

Escusado será dizer que mal dormi nessa noite. Não sabia processar o que me tinha acontecido. Não era assim que eu tinha imaginado a minha primeira vez. E não era assim que eu a queria recordar. No dia seguinte, ele recebeu-me ao portão da escola como se nada tivesse acontecido. Pegou-me na mão e voltou a ser o namorado carinhoso que sempre fora. Convenci-me de que eu própria exagerara na minha reacção. Tínhamos dado o passo natural. Não havia mal nenhum naquilo. Então, comecei a desconstruir cada momento. A reescrever o que realmente acontecera. As memórias

também são o que escolhemos guardar. Ele era um namorado exemplar. Sempre me tratara bem. Aquilo fora o desejo descontrolado. Aquilo acontecera porque ele gostava realmente de mim. Aquilo fora culpa minha. Eu é que dissera que sim, quando me convidara para ir para o carro. Eu é que despira a minha própria camisola. Eu é que retribuía os beijos sôfregos. Eu é que deveria ter previsto o que se seguiria. Não era justo esperar que ele conseguisse parar no meio daquela loucura. Afinal, ele era um homem, já tivera namoradas antes. Não era um rapazinho virgem de dezasseis anos como eu. Os homens têm desejos incontrolláveis, já se sabe. Sim, a culpa fora minha. Sim, eu estava a fazer um drama. Alguma vez teria de ser a primeira. A virgindade não era assim tão importante. Não era como se eu tivesse sonhado em chegar virgem ao casamento. Pronto. O assunto já estava despachado. Não fora nada de especial.

Ainda namorámos durante mais dois anos, em que ele dispôs do meu corpo quando e como quis, e em que eu me senti grata por ter quem me quisesse. Até que, sem aviso prévio, acabou comigo. Disse-me que eu era boa miúda, mas éramos muito novos para um namoro tão longo, que tínhamos de viver a vida e conhecer outras pessoas. Além disso, ele já trabalhava, e eu ia entrar na faculdade dentro de pouco tempo, íamos ter menos disponibilidade para nos encontrar. Mais uma vez, convenci-me de que ele tinha razão. E, durante vários anos depois de acabarmos a relação, entre as inúmeras namoradas que ele teve, ligava-me só para termos sexo, e eu aceitava, feliz por ele ainda me desejar.

Até isto me acontecer, sempre tive pressa de crescer. Mas, depois desse dia, tive a certeza de que o melhor da vida é sermos pequeninos. Sobretudo, tive saudades da menina-*pierrot* da fotografia, que tinha uma família inteira, e às vezes colo. Tive saudades dos tempos em que ainda me lembrava da voz do meu pai, e do seu cheiro. Às vezes, paro à porta das tabernas só para tentar sentir essa mistura única de tabaco e de vinho, mas não é bem a mesma coisa. Falta-lhe o suor e a pele. Por isso, para mim, as tabernas cheiram a vazio.

Durante quinze anos, Estefânia viveu entre a promessa e a espera. Apaixonou-se por Artur, um homem casado, e aceitou um amor confinado a um espaço improvável, onde uma parede móvel separa o desejo da mentira. Quando a mulher de Artur o visita, a parede fecha-se, e Estefânia vê-se reduzida ao lugar invisível da amante, a vida suspensa, acreditando que um dia ele cumprirá a promessa de deixá-la livre — ou de libertar-se.

Inspirado em factos reais, este é um romance que toca em feridas íntimas com delicadeza e intensidade. Uma dissecação literária da culpa, do autoengano e das múltiplas formas de submissão feminina.

Da autora de *O elevador*, já adaptado a filme, e de *E se eu morrer amanhã?*, livro fenómeno em Portugal e no Brasil que em breve também chegará ao grande ecrã.



Clube das
Mulheres
Escritoras



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

  [penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-259-4



9 789895 892594